



Ministra da Educação envia mensagem aos novos prefeitos

pág. 9



A VEZ DA COMUNIDADE

pág. 10



Lei atribui ao Mobral a difusão de noções de saúde e higiene

O presidente João Figueiredo sancionou lei que inclui, entre as atribuições do Mobral, a difusão sistemática de noções de saúde, higiene e alimentação.

Dentro de 90 dias, ouvidos os Ministérios da Educação e Cultura e da Saúde, o Poder Executivo regulamentará a lei, ficando mantidas disposições legais relativas ao Mobral, aos objetivos e à estrutura do Ministério da Saúde e a programas de educação nutricional.

Leia neste número

Lamartine Babo, o campeão dos carnavais brasileiros. pág. 7

José Olympio, o suave revolucionário. pág. 6

Mobral em Curitiba. pág. 12

Encontro de Prefeitos: novas perspectivas. pág. 2



PORTE PAGO
DR - RIO
ISR - 52 - 431/81

Wilson Coury fala ao 'Ação Comum'



Em julho do ano passado renovava-se o Conselho Administrativo do Mobral — CONAD — e um dos 12 conselheiros então empossados era o Sr. Wilson Coury. Dele se disse, naquela ocasião, ser um homem que coloca o cérebro e a máquina a serviço da melhoria da qualidade de vida da população. Segundo ele próprio, sua luta "é a promoção do ser humano do nível onde estiver até a aquisição de valores que o habilitem a exercer o seu papel na organização social".

Passados seis meses, coube a ele coordenar as atividades do Grupo de Trabalho criado por determinação do presidente da Fundação Mobral com o objetivo de elaborar uma proposta de reestruturação organizacional tendo em vista a necessidade de adequação da estrutura institucional às diretrizes fixadas para os próximos anos.

Ao falar sobre a proposta ressaltou que a idéia do grupo, a partir da análise das funções permanentes do Mobral, foi mesmo a de apresentar uma nova organização, um respaldo para a filosofia que permeia toda a ação desencadeada pelo Mobral e não, apenas, mais um organograma, um desenho sem significado maior.

Frisou considerar essencial a possibilidade de se trabalhar as iniciativas locais a nível de projetos, o que levará, certamente, o Mobral a ser um somatório dos esforços municipais.

O envolvimento intenso e permanente de todos que trabalham na Organização é fator relevante, inclusive para evitar as disfunções ou, pelo menos, reduzi-las significativamente.

Numa feliz comparação aos movimentos cardíacos de sístole e diástole, referiu-se à contração e descontração que são inerentes a um órgão como o Mobral; e, quanto mais frequentes, maior é o impulso da Instituição. O fortalecimento das pontas como diz Wilson Coury referindo-se às bases municipais —, é objetivo primordial

dessa nova organização. "O dinheiro é escasso, a crise não é só nossa, é do País; precisaríamos de recursos imensos para solucionar os problemas todos. Daí a importância de mobilização das lideranças locais, dos prefeitos, da comunidade como um todo, a quem compete, aliás, promover a integração do indivíduo na sociedade. Ao Mobral compete, fundamentalmente, a erradicação do analfabetismo." Tudo que leva à diminuição ou ao controle do analfabetismo, seja o que for — desenvolvimento cultural, educação pré-escolar, educação continuada — é nossa tarefa.

Referindo-se a todos que trabalham no Mobral, afirmou: "mais do que um emprego, nós temos uma obrigação social". A nova organização adequará melhor as pessoas à Instituição que, mais eficiente, permitirá maior engajamento entre pessoas e ações dentro de um processo participativo. Valorizando muito o aspecto cultural do povo, Wilson Coury também acha que a preservação da cultura é competência da comunidade; é fundamental prepará-la para que saiba valorizar e conservar seus bens culturais em todos os seus aspectos — seja o patrimonial, o folclórico, o ecológico, etc.

Uma das grandes mudanças filosóficas dentro dessa nova organização é a substituição da antiga estrutura de programas pelo trabalho a nível de projetos. Estes, sempre adequados à realidade local, devem ter um arcabouço básico e uma coloração específica do local. Nesse sentido, — reafirmou Wilson Coury —, a valorização da cultura local é fundamental. A tendência, então, é o fortalecimento das Coordenações e representações municipais, enquanto a nível de Mobral Central se tem uma estrutura técnica de apoio às iniciativas locais.

Interrogado sobre eventuais modificações no material didático, disse

continua na pág. 2

A palavra do presidente



E hora de fazer uma retrospectiva do que vivemos nesses últimos meses e de pensar no que vamos viver em 1983, se é que se pode ter essa característica de premonição. Até agora vivenciou-se muito o momento de repensar as coisas em função de fatores novos que vinham acontecendo, especialmente os relativos ao pré-escolar — segmento importante das atividades do Mobral.

Houve um momento em que os técnicos, o pessoal de campo e as Coordenações chegaram a se confundir, achando que o Mobral deixava de ser um órgão de educação de adultos e passava a ser um órgão de educação pré-escolar. Isso, ainda hoje, é muito presente em algumas pessoas.

A introdução de elementos novos e a aproximação com o MEC causaram uma porção de problemas, trazendo desestabilização em alguns pontos. Consequentemente, busca-se a estabilização.

Na realidade, em 83, dá para antever que a nossa posição, em termos de educação de adultos, estará se consolidando. Nós somos um órgão criado com este fim — a lei que nos criou diz isso clara e inofismavelmente. Vamos ter, ainda, em 83, um maior processo de aproximação com o sistema formal, com os estados, e um reforço efetivo das estruturas municipais, das bases da célula de atividade do Mobral. Pretendemos que esse reforço seja concreto, com recursos captados do próprio Finsocial. Acreditamos, principalmente, que 83 seja o início de uma outra etapa do Mobral, calcada numa palavra muito desgastada, mas insubstituível para dizer exatamente aquilo que se quer exprimir, ou seja: descentralização.

Em minha recente viagem à Índia uma idéia me pareceu muito clara: existe uma vocação, existe uma intimidade muito grande entre uma ação não-formal e uma descentralização forte. Esses dois conceitos, esses dois temas têm uma afinidade muito grande. Pretendemos, então, com essa mudança de estrutura, aproximar o Mobral Central do campo e das Coordenações, de modo que, ao término desse processo, talvez no final de 83, já se possa afirmar este fato com mais convicção e com maior correspondência de ações concretas.

Na verdade, o que se deseja é que o Movimento Brasileiro de Alfabetização venha a ser o somatório de movimentos estaduais e territoriais de educação de adultos. É preciso que tenhamos em cada estado, em cada Unidade Federada, um movimento, um trabalho e um desenho específicos de como vamos atuar em termos de educação de adultos. O ideal seria termos esse desenho específico em cada município brasileiro.

O que desejamos para 1983, além do reforço da base municipal, da nossa consolidação em termos de educação de adultos e do aporte maior de recursos, é que os estados assumam uma parcela mais substancial de engajamento no processo de planejar e executar as atividades de educação de adultos e, consequentemente, uma responsabilidade muito maior nesse processo.

Encontro de Prefeitos: novas perspectivas

Iniciam-se este mês, os Seminários para Prefeitos eleitos promovidos pela Secretaria de Articulação entre os Estados e Municípios — Sarem, vinculada à Secretaria de Planejamento — Seplan. Ao primeiro, em Maceió, sucederão outros, em cada Unidade da Federação.

Os seminários, precedidos de um encontro nacional, em Brasília, têm como objetivo integrar os novos prefeitos ao contexto do planejamento e da administração do governo local e regional, ofertar e divulgar as diversas programações de trabalho não só para o corrente ano mas também para o triênio 83/86, além de fornecer aos prefeitos e suas equipes um estoque mínimo de informações e procedimentos técnicos a serem acionados e utilizados para a abertura das novas administrações locais. As reuniões deverão ser, tanto quanto possível, realizadas no nível prático, metodológico e programático, extremamente pragmáticas, abordando o aspecto teórico apenas quando estritamente necessário. Desenvolvimento de temas atuais dentro da idéia mais abrangente de "Relações Intergovernamentais e Desenvolvimento Municipal", relato de experiências relevantes e demonstrações de novas tecnologias e processos de trabalho de interesse geral serão assuntos abordados nessas reuniões.

Diante da importância desses seminários e tendo em vista que, a partir de março próximo, a quase totalidade dos municípios brasileiros terá novos representantes do poder executivo, o *Ação Comum* não poderia deixar de dirigir-se a eles, diretamente, quando assumem papel tão importante.

Finalmente escolhidos pelas comunidades que irão dirigir, é com elas que deverão trabalhar. Essas comunidades que, através de seus líderes, contam com seus prefeitos para ajudá-las a buscar soluções para seus problemas, soluções próprias e adequadas à sua realidade.

Essas mesmas comunidades são a sustentação do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo Mobral, ao longo dos seus 12 anos de atividades. Assim, por determinação expressa do presi-

dente da Fundação Mobral, Claudio Moreira, através da Portaria nº 688 de 7.12.82, foi criado um grupo de trabalho com a finalidade de adequar a estrutura organizacional da Fundação às diretrizes de atuação estabelecidas para 1983, dentre as quais destacam-se:

a) o fortalecimento das Comissões Municipais, entidades através das quais flui a ação básica da Instituição;

b) a melhoria do atendimento às ações para educação de adultos e adolescentes, com enfoque na participação das comunidades, através do diagnóstico das suas necessidades específicas, para a elaboração de programas que auxiliem e facilitem o Movimento no atendimento à educação de adultos e adolescentes;

c) a efetiva transformação da estrutura do Mobral Central em estrutura de apoio às iniciativas descentralizadas para o cumprimento das funções permanentes da Instituição:

— Alfabetização Funcional
— Educação Continuada de Adolescentes e Adultos
— Difusão Sistemática de Noções de Saúde, Higiene e Alimentação

Durante um mês o grupo de trabalho se reuniu para estabelecer a proposta de reorganização institucional, submetida à apreciação dos coordenadores e representantes das diversas áreas do Mobral, cujas sugestões foram avaliadas pelo Grupo de Trabalho, responsável pela elaboração da forma final de uma nova organização.

O estabelecimento de uma linha direta de relação entre as coordenações e a presidência deu àquelas uma força ainda maior.

A readaptação dos programas a nível de projetos e o reestudo do sistema de funções, hierarquia e fluxos também foram estabelecidos pela nova organização.

Todo esse trabalho se deve ao fato de sermos uma instituição cuja atividade se faz sempre da maneira mais ajustada à realidade brasileira.

Essa nova organização surgiu, justamente, dessa necessidade de adequar-se à realidade brasileira, acompanhando o modelo político do País.

O Mobral vem utilizando, no desenvolvimento de seu trabalho, a metodologia de Ação Comunitária, posição que deve ter continuidade em

continua na pág. 7

COLUNA do LEITOR

"...esta última edição, por exemplo, está fora de série. Aproveito para parabenizá-los por tão gratificante trabalho como este que o Mobral vem desenvolvendo por todo este nosso país."

FRANCISCA DA PENHA BRANDÃO - Nova Olinda - CE

"...Foi através de um amigo que tomei conhecimento do jornalzinho *Ação Comum* do Mobral, este magnífico jornalzinho que nos oferece tantas notícias sensacionais gostosas de se ler."

RAIMUNDO ANTONIO DA CRUZ FILHO - Petrolina - PE

"...Agradecendo os esclarecimentos prestados, congratulamo-nos pelos resultados que vêm sendo alcançados pelo Mobral."

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO

"...já li vários números do *Jornal Ação Comum*, gostei muito e o achei importante nas minhas atividades diárias, por isso gostaria de recebê-lo, portanto solicito-lhe informações detalhadas a respeito."

JOSÉ REINALDO DA SILVA

"...Portanto, eu ficaria cheia de entusiasmo se ao ler um jornal recebido da Coordenação encontrasse uma divulgação do nosso jornal e também dos nossos núcleos de pré-escolar que são 10, com intensa participação das monitoras e entusiasmo total das nossas crianças."

ELZA MARIA DA CONCEIÇÃO - Ecult e Ensug de Francisco Badaró

Jornais recebidos

JORMOBRAI - S. Francisco do Conde - BA - ano II - nº 12. JORNAL JUVENIL - Altinho - RJ - ano II - nº 31. BIEX - Coest DF - ano VI - nº 19. O MOBRALENSE - Leopoldina - MG - ano III - nº 10. POCULT BADAROENSE - Francisco Badaró - MG - nov. 82. INFORMATIVO ALFREDENSE - Alfredo Wagner - SC - ano I - nº 2

ACÇÃO COMUM

Editado pelo Departamento de Comunicação - DECOM, do Movimento Brasileiro de Alfabetização - Mobral, Rua Voluntários da Pátria, 53 - Botafogo - Rio de Janeiro - CEP 22270.

Presidente
Claudio Moreira

Jornalista Responsável
Everardo Wilson de Lima Pinho
-registro profissional
nº 11.494 (RJ)

Produção Editorial
DECOM/DIEDI
Fotos/DIDIV

Tiragem desta edição: 150.000 exemplares

continuação da pág. 1

Wilson Coury fala ao 'Ação Comum'

que, de acordo com as necessidades, deverão ser feitas adaptações, além de se procurar utilizar os recursos disponíveis na comunidade.

Ao estabelecer-se no Mobral Central um verdadeiro processo, um fluxo de informações e ações interligando todos os técnicos, deixa, naturalmente, de haver os homólogos nas Coordenações como até agora. Cada uma delas se organizará de acordo com suas possibilidades. A descentralização é a linha-mestra dessa nova maneira de trabalhar transformando o Mobral Central em grande órgão de apoio às iniciativas locais.

Outra novidade é a substituição da secretaria-executiva por um colegiado, verdadeiro *forum* de debates, que apoiará o presidente na discussão de grandes planos e projetos, recursos adicionais, etc.

O Colegiado será formado pelos representantes das cinco grandes áreas agora criadas — Comunicação, Administração e Finanças, Planeja-

mento, Operações e Desenvolvimento de Projetos — podendo, no entanto, participar das reuniões assessores e todos os demais interessados.

Quanto à relação entre o empresário, que nos dá recursos, e a nova organização agora estabelecida, Wilson Coury acha que o ponto mais importante é o da difusão de nosso trabalho. "Temos que mostrar serviço a quem nos dá recursos, mostrando ao empresário que seu dinheiro está sendo bem empregado."

Perguntado sobre as razões que levariam um prefeito, assumindo o cargo, a se interessar por essa nova posição do Mobral, Wilson Coury é categórico. Vê o Mobral como um instrumento essencial, que os prefeitos não podem desprezar. O Mobral tem obrigações de serviço para a comunidade que, eleitora de seus prefeitos, espera deles, também, essa prestação de serviços. Como desprezar um o apoio do outro? Sem preocupações de ordem partidária, o Mobral, buscando promover o bem-estar da comunidade, constitui verdadeiro elemento de sustentação política para os seus governantes.

O jornal *Ação Comum* está sendo distribuído pela firma Distribuidora Fernando Chinaglia S.A.
No caso de qualquer irregularidade no recebimento solicitamos comunicar à redação, Rua Voluntários da Pátria, nº 53 - Botafogo - CEP 22279 - RJ.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★
★ Agradecemos cordialmente e re-
★ tribuímos as saudações que nos foram
★ enviadas, pela passagem do Natal e do
★ Ano Novo, por D. Eugênio Sales, car-
★ deal arcebispo do Rio de Janeiro, por
★ inúmeros leitores, amigos e empresá-
★ rios.
★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

A Serra, hoje

Além de representar um testemunho vivo do que uma comunidade é

capaz, o trabalho na Serra João do Vale é

uma prova evidente de que, à parte colo-

rações políticas ou

alaridos de ordem

peçoal, é possível,

como foi para o

Mobral, realizar um

trabalho de peso e

importância igual

ao da Serra. Peso e

importância que le-

variam muitos a lhe

atribuir sozinho a

conquista do Prê-

mio Iraque, quando

na verdade o mes-

mo foi conquistado

pelo conjunto de

trabalhos realizados

pelo Mobral, no Rio

Grande do Norte,

numa ação educati-

va junto a diversos

grupos compreen-

dendo profetas po-

pulares, servidores

anônimos, prostitu-

tas, rezadeiras e cu-

randeiros da região.

Cinco anos depois

de redescoberta

pelo Mobral e de

ocupar toda a pagi-

nação do Ação Co-

mum nº 1, a Serra

volta de cara nova,

estrada construída,

barragem bem ini-

ciada, 200 títulos de

posse de terra distri-

buídos, quatro gru-

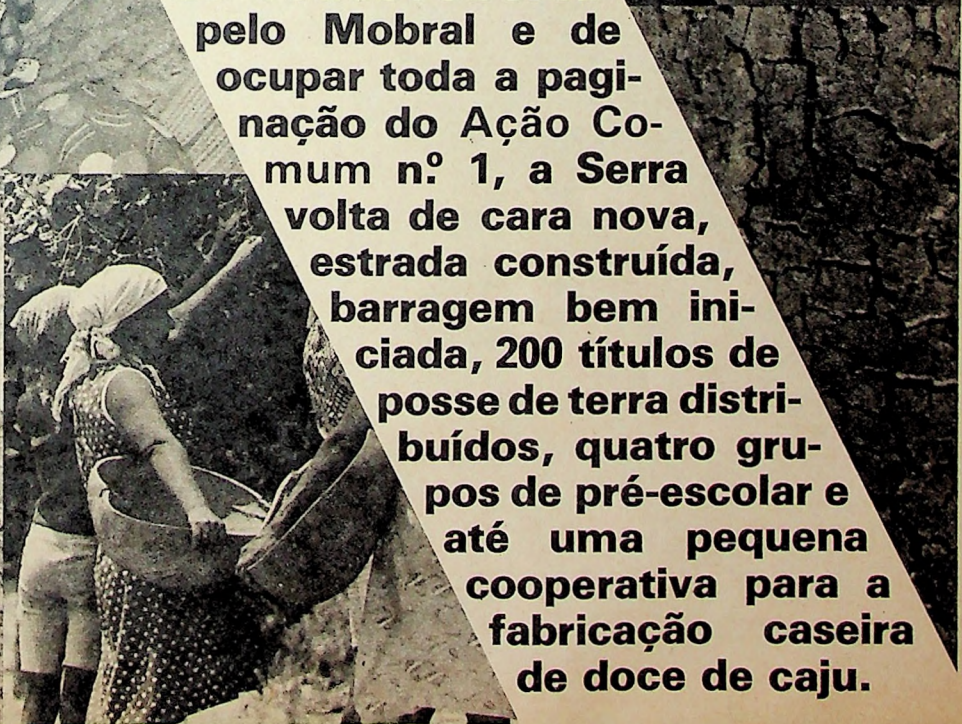
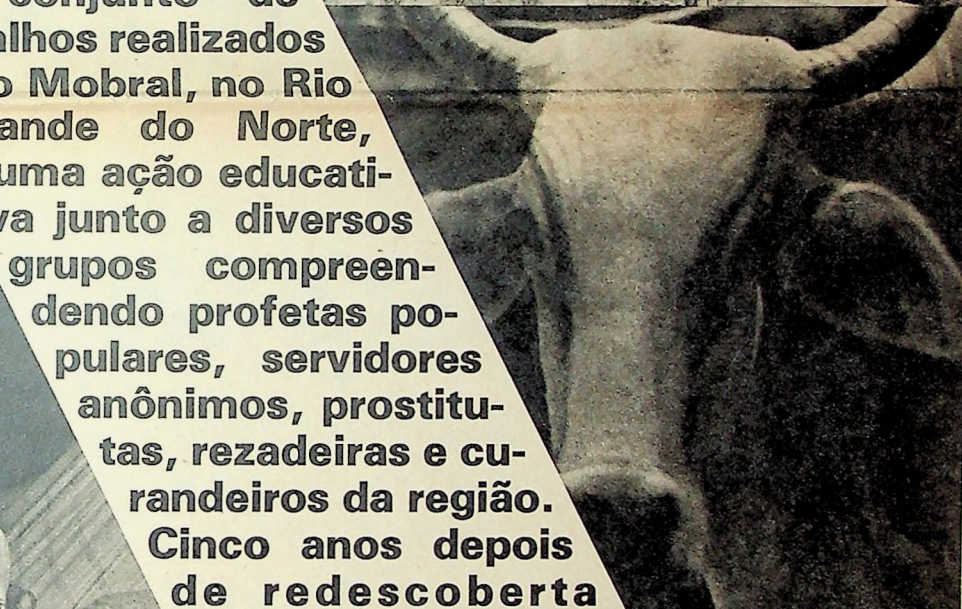
pos de pré-escolar e

até uma pequena

cooperativa para a

fabricação caseira

de doce de caju.



A Serra, hoje

Solo vermelho rachado, som de lata vazia, o relinchar da velha mula acorda a Serra. Hora de pegar água no açude, enquanto é cedo e ninguém baldeou a água, deixando-a turva. Para isto, cavou-se um buraco e colocou-se uma espécie de caixa d'água com dobradiça. Mas quem chegar muito tarde já não leva água boa.

O açude começou a ser feito com o povo abrindo buraco. Mas o povo cresceu e foi preciso que a comunidade contasse com o Plano de Emergência da Sudene, que homem sozinho ali não alcançaria grande coisa.

"É um subindo, outro descendo. Uns voltam com a vasilha seca, outros voltam com meia. No outro dia vai beber na casa do outro, quando já é de tarde não tem mais nada" — diz a mulher conduzindo um jegue com a ajuda dos dois filhos.

O que se nota hoje, na Serra, é que algumas mães já têm certo cuidado com a saúde dos recém-nascidos. Algumas casas já têm filtro para não dar de beber desta água às crianças. Gesto outrora também responsável pelo grande índice de mortalidade infantil na área.

Os açudes existentes vivem, contudo, da vontade do tempo: se chover bem no inverno, tem água durante a seca. Mas quando chega novembro a água vai ficando escassa.

Fatores como a absorção do solo e a revência da água (vazamento pelas paredes do açude) levam-no a secar mais rápido. Alguns aproveitam o fenômeno para a plantação de hortaliças em volta das cacimbas.

Mas os moradores da Serra sabem que o açude só enche mesmo se chover e quando o açude seca é todo mundo trabalhando que outro jeito não tem.

Quando a reportagem perguntou onde eles buscariam água quando aquela secasse, um morador respondeu: "A gente vai para outras quebradas, a mais de uma légua." A mulher que suspendia sua lata para encher o reservatório de seu jegue não concordou: "Toda vida aqui deu água. O dia que acabar, Deus manda mais."

Na estrada, abrindo rumo

Até bem pouco tempo para se chegar a João do Vale era longa a caminhada: hora e meia até o pé da serra e mais quatro horas até a chã,

numa picada mato adentro. Distante 7 horas de carro de Natal, a Serra João do Vale fica a 696m de altitude e suas 27 localidades abrigam hoje uma população de 325 famílias, isto é, cerca de 2.030 habitantes.

São quatro chãs numa só serra: Chã Velha, Chã do Cajueiro, Chã das Cacimbas e Chã dos Félix.

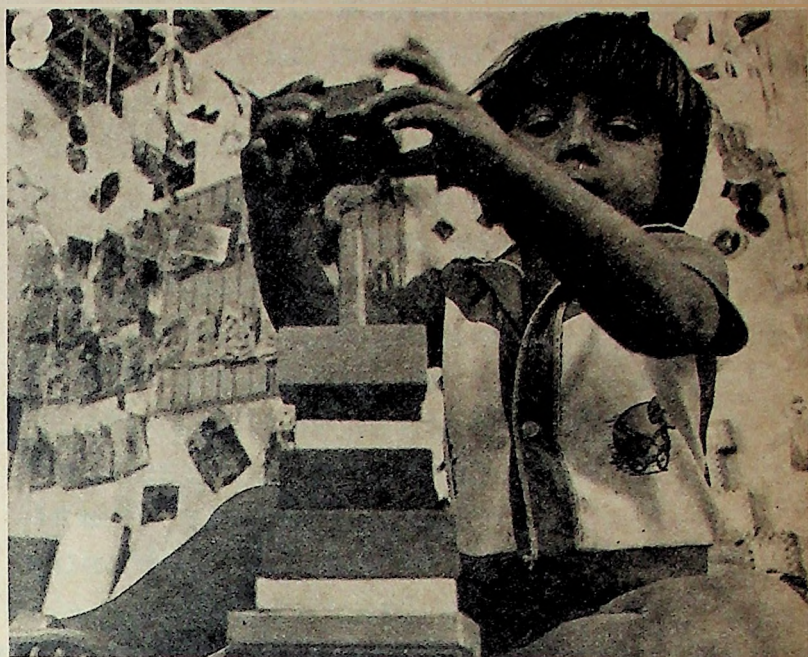
A história se repete e João do Vale é redescoberta quase que ao acaso por uma equipe de monitores que implantavam o Projeto Diagnóstico Municipal em Augusto Severo, município vizinho. Era março de 1978.

Hoje, é possível ir de Natal até João do Vale, pela estrada construída com o auxílio do Prodecor e do DNER.

Enquanto a comunidade fazia o roçado, as máquinas faziam o resto: "a estrada, o que exigiu da gente foi amolar a foice e abrir o rumo", explica Antônio Hilário, representante do conselho da Chã Velha, para quem a Serra foi redescoberta pelo Mobral. É ele quem diz: "Todo este movimento está acontecendo por causa da vinda do Mobral aqui na Serra. De março de 78 até esse momento mudou muito. Antes só vinha gente aqui em tempo de política, querendo que a gente votasse com eles, que a nossa situação iria melhorar. Depois sumiam e a gente

ficava abandonada o resto do tempo. Já o Mobral nunca prometeu nada a ninguém, sempre disse que o que a gente poderia conseguir era com o trabalho da gente. Hoje cada sítio tem

Para acabar com estes e outros problemas, excluindo o intermediário da comercialização, é que se está organizando em João do Vale a Cooperativa do Doce.



Um brincar
aprendendo que só
é interrompido...

...em dia de
colheita do caju;
afinal, uma receita
de evitar barriga
vazia.



Se chover bem no
inverno, tem água
durante a seca...

seu representante. A gente já sabe falar de tudo, dizer o que a gente quer. Quando queremos falar com o governador é só reunir o pessoal, o Mobral leva o recado e nós falamos mesmo".

O caju vira cooperativa

De novembro a janeiro os cajueiros ficam cheios. As mulheres e crianças enchem da fruta a cabaça. A castanha é retirada e preparada à parte. O caju vai para o caldeirão. Depois é botar açúcar e mexer sem parar.

Calça comprida sob o vestido para evitar queimaduras que o pipocar do doce provoca, nove mulheres revezam-se em torno do fogão, na feitura do doce.

A barraca do doce, assim como o fogão que o prepara, foi obra de todos. Enquanto um tirava a palha, outro carregava água, preparava o barro ou o cimento para fazer o fogão. Era homem, mulher, criança, todo mundo ajudou. Pronto, o doce é acondicionado em embalagens de 700 e 800 gramas, em papel celofane com um rótulo que o pessoal do Mobral mesmo preparou. Parte do produto é levado para a Coordenação do Mobral, em Natal, outra vendida nas feiras de artesanato ou oferecida nas casas.

No início cada um trazia o açúcar de casa, mas, com a produção do caju aumentada, às vezes falta o produto.

Outras cooperativas, como a do legume, por exemplo, também estão surgindo com a mesma finalidade. Para tanto, a comunidade tem hoje o Grupo do Consumo da Serra, que arrecada o dinheiro das vendas, faz compras e mantém a cooperativa com pequenas arrecadações.

A posse da terra

Lugar que levava o nome do João tinha a garantia de boa palavra. Papel branco com a assinatura de João podia valer uma feira, um jegue, até um cavalo. Ficou sendo João, o do Vale, filho dos Gondim com os Pimenta.

João do Vale é como o povo chamaria a Serra em homenagem ao antigo morador.

Mas quem hoje vê os 200 títulos de posse da terra sendo legalizados e distribuídos pelo governo, não imagina a disputa que as terras onde morou João acirriaram. Vinha gente de outros cantos ameaçando largar o gado ali e acabar com tudo. Quando o título da posse está para sair, uma família que se diz dona das terras aumenta o preço do hectare. O governo, para não entrar em descrédito com os moradores, está disposto a pagar, mas seu Alcides, que é também conselheiro, acha isto um absurdo e reflete: "Home, como pode um papel dar posse em 1604 na Serra, se o Brasil inteiro foi descoberto em 1500?"



O pré na capela

Com Alcineide e 29 crianças formou-se o pré-escolar na capela local.

Ali se aprende de tudo. As imagens dos santos misturam-se aos recortes e aos trabalhos de modelagem e pintura feitos pelas crianças.

Quem não vem, Alcineide busca em casa, coisa comum por estas bandas.

Um domingo por mês tem missa na capela, mas não se toca em nada.

Apenas os penduricalhos são retirados para não atrapalhar os fiéis.

A merenda é providência do INAE e o complemento é preparado pela comunidade, no sistema do rodízio organizado pelo Clube de Mães.

Mas a tarefa de Alcineide Marques dos Santos não pára por aí. Ela atua também como presidente do grupo de jovens que organiza reuniões, programa festas, etc. São perto de 100 jovens voltados para os problemas da comunidade. Em dezembro passado eles organizaram a pastoril, uma festa de fundo religioso que serviu também



A construção da barragem: uma esperança de manter a água mais tempo.

Pré-escolar na capela: a mistura de santos, cordões e bandeirinhas.



para a compra do sino da capela.

Além das 4 unidades de pré-escolar existentes na Serra, há também uma escola da Secretaria Estadual de Educação ou a escolinha de Dona Júlia, como é conhecida.

Saúde

Maria Francisca dos Santos é parreira. Fez curso de enfermagem num hospital de Jucurutu. Ela conta que antigamente o cordão do umbigo da criança era pego ao acaso de alguma rede que estivesse por perto. Hoje, com as orientações recebidas, ela chega a muita casa onde as mães já separam roupa limpa para ela e para a criança. Algumas deixam até separado um cordãozinho esterilizado dentro de um vidro.

O Posto de Saúde foi ampliado e está com 2 leitos, 1 mesa de parto e 2 berços conseguidos junto à Secretaria de Saúde. Mas a comunidade está querendo levantar mais uma sala para fazer funcionar o Miniposto e a maternidade. Os cuidados com os recém-nascidos também aumentaram. Na reunião com o grupo de mães elas dizem que agora, ao chegarem da roça, lavam o peito antes de amamentar. Fala-se muito sobre os sinais da gravidez e cuidados com o corpo. "Menino que fica muito quente carece tomar mais água e mais banho. A água é pouca, mas tem que guardar sempre um pouquinho para as crianças. De primeiro morria muito menino. Agora, com as campanhas de vacina e mais os cuidados que a gente tem, morre menos" — elas dizem.

migas encontrada hoje na Serra: "Meu Deus, isto foi na seca. Pegaram o padre e amarraram em dois burros brabos. Uma perna em cada burro. Em seguida bateram nos burros que saíram mato adentro. Arreventado, o padre falou antes de morrer: em Serra João do Vale cada pedaço meu haverá de virar um só formigueiro."

Em 1941 ela conta que foi para o sertão, mas encontrou fome igual ou pior e voltou para Serra, onde chegou pequeninha trazida pelo pai.

Hoje, tendo no colo a neta Ritinha, filha de um sobrinho que ela criou como filho, Dorinha lembra dos bailes, do "cheirinho" e dos namoricos que o pai proibia.

Fala dessas coisas com saudade, mas sem tristeza. Sem a elas atribuir o fato de ter ficado solteira. Cercada de afilhados de todos os cantos da Serra, Dorinha sente-se querida por todos e fica feliz com isto.

Para saberem de suas histórias, tomarem conta de sua saúde ou simplesmente lhe pedirem a bênção, todos a procuram.

E Dona Dorinha, a cabeça branca adornada por um lenço colorido, sorri e estende a mão:

- Bênção, filho.

Folclore político

Chapéu de vaqueiro, peixeira no cinto para abrir caminho ou assustar cabra valente, Leôncio Lino, da Silva é um dos poucos moradores da Serra que conhece a capital.

"Hoje, entro em Natal por uma



Dona Dorinha, a contadora de histórias

"Se eu acredito em Deus? Vige, se não acreditasse..."

Theodora Luzia da Conceição está sentada em sua rede, cachimbo de lado, com Lourinho, o periquito de estimação andando-lhe em volta. Os olhinhos redondos brilham diante de uma visita. Quando não vem ninguém pra conversar — ela diz — me sento na porta e fico espiando o povo passar pra aqui e pra acolá.

Respondendo bem-humorada a todas as perguntas, Dona Dorinha nos fala da Serra, do tempo em que mulher não andava sozinha com medo de onça no mato.

Não existe em João do Vale nenhum registro que prove com exatidão sua idade (calcula-se por volta de 110 anos), mas Dorinha é seguramente a pessoa mais velha da Serra.

Lúcida e brincalhona, relembra com fala mansa sua versão sobre o motivo da enorme quantidade de for-

porta e saio pela outra" — diz Leôncio, camisa estampada com cenas de surfe, simpático contraste com o resto da indumentária.

Desafiando alguém para uma vaquejada ou mostrando com orgulho um neto ao colo, Leôncio é quem anima com suas histórias as noites em João do Vale. Um dia, passando por um comício na Chã, Leôncio guardou esta de um cabo eleitoral que pedia votos para a pequena platéia: Dr. Fulano é uma pedra grande, nós somos uma pedra pequeninha — ele diz sob aplausos e o sorriso do candidato.

Entusiasmado com o efeito do discurso, o cabo se inflama: Dr. Fulano é como um vento grande que sai de dentro da gente.

Manoel do Nascimento Pereira, conhecido como Gato, é representante do conselho da Chã dos Félix. Entusiasta do trabalho hoje realizado pelo Mobral na Serra, Gato, porém, assistiu, durante muito tempo, a um verdadeiro desfile de políticos e de promessas. Por isso afirma: "Se depender de mim, voto no governo com os dois pés e as duas mãos."

José Olympio, o suave revolucionário da arte de editar livros

José Olympio Pereira Filho fez 80 anos em dezembro, dos quais mais de 60 trabalhando com livros, notadamente de autores nacionais. E chega a esse ponto de sua vida conseguindo um resultado muito difícil no meio literário, um milagre, quase: a unanimidade dos escritores a seu lado, prestigiando-o, manifestando amizade, apreço, carinho. Mas não são apenas os escritores, que o estimam: na verdade, são todos que o conhecem; com sua fala e seus gestos tranquilos, mansos, amigos, "um patriarca, voz pausada, abençoando", como a ele se refere seu amigo, também de 80 anos, Carlos Drummond de Andrade.

que pertencera ao juriconsulto Alfredo Pujol lhe permitiu ganhar o dinheiro para abrir sua própria livreria e editora, na Rua da Quitanda, em São Paulo, em 1931. Três anos mais tarde, transferiu-se para o Rio de Janeiro por achar que a cidade era o grande centro cultural brasileiro e, a partir de então, sua livreria, na Rua do Ouvidor, tornou-se um ponto de encontro obrigatório dos escritores da época.

Revolucionário

Como editor, José Olympio foi um revolucionário, pois teve a coragem de publicar obras de escritores brasileiros,

autores nacionais, em seu catálogo. "Seus princípios foram sempre corretos — diz o seu amigo e também editor Alfredo Machado. Valorizar o autor nacional e reinvestir na própria editora. Ele inventou no Brasil a profissão de editor e fez dela um sucesso".

Um aspecto da personalidade de José Olympio, que se refletiu como fator de êxito no seu trabalho de editor, foi o de julgar os valores por si próprios, fora de partidários, correntes literárias ou ideologias. O seu compromisso era com a inteligência.

Essa característica explica por que a mesma editora que publicava obras de Getúlio Vargas lançava também os livros de Graciliano Ramos. É o próprio José Olympio quem revela o seu ponto de vista: "Acho que tudo que fizemos, editar Getúlio, Graciliano, José Américo, romancistas de direita ou de esquerda, foi tudo muito simples. Não se planejou nada. Nós tínhamos uma grande preocupação, que era editar os homens inteligentes do País, estivessem de que lado estivessem. Nunca perguntamos a ninguém se deveríamos editar fulano ou sicrano. Sempre fomos um pouco Dom Quixote".

UM GRANDE BRASILEIRO

José Olympio me desculpe, mas é inevitável lembrar que ele completa oitenta anos em 10 de dezembro. Seria do seu agrado que o aniversário passasse despercebido. Mas como ignorar a data, se ela representa muito mais que um fato particular? Até nem sei mesmo se José Olympio faz oitenta anos ou, quem sabe, oitenta mil edições, de tal maneira seu nome é sinônimo de livro e inúmeras são as obras que ele atirou aos quatro ventos em 51 anos de atividade empresarial.

Evidentemente, um homem que inundou de livros o Brasil, ativando o seu desenvolvimento por meio de uma avalanche de obras de todos os gêneros de criação e informação, apresentadas em edições populares, não pode ser considerado simples indivíduo de importância restrita ao círculo da família e de alguns amigos. E, mesmo que não queira, força social de alcance não-mensurável, com direito à celebração pública.

O encontro de José Olympio com o livro deu-se em 1918, quando ele, balconista da Casa Garraux, em São Paulo, encontrou também o seu destino. Daí por diante, os dois não iriam separar-se, o livro e JO, que em 1931 começaria a carreira de editor. Todas as correntes literárias, as inclinações do pensamento político, os novos setores abertos à curiosidade intelectual, as reflexões e debates sobre o passado e o presente do Brasil, o formigamento de idéias transformadoras do panorama limitado, a vontade de crescer e a crítica das esperanças, tudo isso teve em JO o divulgador atilado, com perfeita intuição do



que convinha captar e divulgar. Ora, isso vale uma vida.

No melhor sentido da palavra, o nosso pacato e bonacheirão José Olympio Pereira Filho tem sido um agitador. A voz mansa e lenta, a cômoda instalação na poltrona, o andar pausado de quem não tem pressa de chegar escondem uma energia criadora e uma inquietação cívica acima do comum.

Renovador da formulação gráfica dos livros e lançador de quanta novidade apareceu por aí no mundo do pensamento e da imaginação durante dezenas de anos, ele é também o homem que sofre pelo Brasil a cada manhã, à hora de ler os jornais. Não me lembro de jamais tê-lo visitado sem que ele, a certa altura, conduzisse a conversa para o momento nacional,

temeroso com o desenvolvimento de uma crise ou animado com os ventos favoráveis que prenunciavam superação.

Não deixa escapar um fato ou indício de que a população terá dias melhores, porque se produz mais e se esbanja menos, como também se assusta quando um sopro de loucura parece tomar conta dos governantes. E, paradoxalmente, alia sinais de pessimismo individual a uma grande expectativa otimista quanto ao país, que um dia há de melhorar ou já está melhorando, ou tende a melhorar.

Gosto de ouvir JO em seus momentos de análise da situação. Matreiramente, sonda a opinião do interlocutor, para ver se do diálogo sairá um confronto pacífico de opiniões, que seja proveitoso para

se chegar a uma conclusão. E esta só pode ser a seguinte: este é um país que, mesmo aos trancos e barrancos, vai pra frente. E JO sorri, ao manifestar convicção. A pitada de pessimismo pessoal, que se introduz no seu otimismo brasileiro, tem alguma coisa de faceirice. JO gosta de dizer-se velho, mantendo alerta o seu senso juvenil da atualidade. Não perde uma notícia do mundo, sabe o que está acontecendo e é público, e até o que não se espalha, mas a gente, quando bem informada, pega na hora. Realmente o que o deixa triste é ver morrerem amigos, companheiros de velhos tempos, freqüentadores às vezes diários de sua sala de trabalho. A evocação desses companheiros, ao longo da conversa, torna-os de certa maneira presentes no escritório. A cota de saudade não deixa, porém, esmaecer o interesse pelo presente, e JO curte os papos longos, descansados, em que uma piada, um fato do dia, uma análise extinguem a "flor amarela da melancolia".

Gostaria de dizer outras muitas e boas coisas sobre o homem público (e quem mais do que um editor merece este nome?) e o amigo, que é exemplar em dedicação e firmeza. Um dia, quando se escrever a história da sua Editora, como parte integrante da história da cultura do Brasil, o seu retrato completo dará testemunho cabal. Esse livro fatalmente será escrito no futuro. Até lá, saudemos em José Olympio um dos maiores e melhores brasileiros.

A vida de José Olympio explica as amizades. Começou a trabalhar aos 11 anos de idade, lavando vidros na farmácia de Carlos Grau, em Batatais, São Paulo, onde nasceu. Aos 14, mudou-se para a capital e pouco depois estava trabalhando na Casa Garraux, uma livreria. Ele próprio conta que o contato com os livros foi amor à primeira vista. Trabalhava das 7 da manhã às 7 da noite, num constante manuseio, e quando não estava em serviço lia intensamente. Foi por essa época, nos planos que fazia para o futuro, que desistiu de ser advogado para ser livreiro. Entretanto, este sonho só se materializou dez anos depois, quando a venda da biblioteca

numa época em que tal investimento era considerado prejuízo certo, uma loucura mesmo, em termos empresariais. E fez mais: lançava autores novos, aumentando os riscos. Como se não bastasse, fazia edições de 10 mil exemplares, número espantoso para a época, uma vez que ainda hoje — 50 anos depois — a média é de 5 mil. Acontece que o editor não tinha a menor dúvida sobre o valor dos escritores brasileiros e da aceitação de sua obra pelo público. O seu papel, no caso, era o de proporcionar o encontro dos dois. O tempo só fez comprovar o acerto dessa orientação, através dos 51 anos da editora, com 80% dos títulos de

Conforme observa o escritor Adonias Filho, um de seus inúmeros amigos, José Olympio conseguiu fundar um império literário colocando-se acima das facções políticas, religiosas, sociais e literárias. Jamais se pôs a serviço de um grupo. Lançou em suas livrerias as correntes mais antagônicas. Talvez por causa disso tenha tido do governo federal o apoio de que precisava quando, há alguns anos, a editora esteve ameaçada de ser fechada ou de ser comprada por grupos alienígenas. Nessa atitude, o País expressou o seu reconhecimento pela importância desse homem que, por cinco décadas, ajudou a fazer a cultura nacional.

Antes e depois de José Olympio

Dentro desse princípio, pode-se afirmar que José Olympio conseguiu estabelecer um marco, porque é muito difícil contar a história da literatura brasileira a partir dos anos 30, sem falar da Editora José Olympio. Do seu catálogo, constam mais de 4.500 títulos publicados, com um número superior a 900 autores nacionais, entre os quais se incluem nomes como os de Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Rachel de Queiroz, Raul Bopp, José Américo de Almeida, Josué Montello, Jorge Amado, Rachel

Jardim, João Cabral de Melo Neto, Pedro Nava. Este último até hoje tem seus livros editados unicamente pela José Olympio. E explica:

— Tenho uma profunda admiração pela figura de José Olympio. O nosso conhecimento vem dos anos 30, quando eu freqüentava a sua livraria, na Rua do Ouvidor. Embora fosse o dono, ele atendia pessoalmente. Desde aquela época até hoje a impressão que tenho dele é a mesma: é a de um amigo perfeito, que fez muito por grandes escritores, tirando-os da obscuridade.

Neste sentido, Carlos Drummond de Andrade conta que, durante um almoço em homenagem a Cândido Portinari, em 1941, ousou perguntar a José Olympio se se atreveria a publicar um livro seu.

— Até então as minhas edições tinham sido pagas do meu próprio bolso. Eu perguntei e ele me mandou levar os originais à editora.

Em que pese o significado da obra que realizou, José Olympio procurou manter-se invariavelmente num segundo plano. Diz o seu amigo Mario Fittipaldi, presidente da Câmara Brasileira do Livro:

— José Olympio sempre abriu mão dos seus interesses pessoais em favor dos coletivos. Admiro sobretudo

a sua humildade. Como todos sabem, ele foi o grande editor do ciclo do Nordeste. Mas toda vez que o ouvi falar no assunto, ele teve o cuidado de dizer que "apenas" havia divulgado Graciliano, José Lins, pois quem realmente os descobriu foi o Augusto Frederico Schmidt.

Os colegas de José Olympio lembram que ele é não apenas o responsável pelo lançamento de muitos bons autores, mas também pela vitória de uma importante reivindicação do seu grupo: a inclusão do livro no Artigo 19 da Constituição, que antes só isentava de tributos os jornais e as revistas.

Agora, ao chegar aos 80 anos e mesmo tendo saído do Rio para fugir às comemorações dos incontáveis amigos, José Olympio será alvo de uma homenagem especial. Seu nome será dado a um prêmio criado pelo Sindicato Nacional de Editores de Livros, a ser atribuído anualmente à instituição não ligada ao mercado livreiro, mas que se tenha destacado no apoio e divulgação do livro.

— E o primeiro a ganhar o prêmio será o próprio José Olympio — diz a presidente do Sindicato, Regina Bilac. Ele receberá uma estatueta concebida por Mario Agostinelli, representando a figura de Dom Quixote.

Mensagem

Por outro lado, sob o título "Obrigado José Olympio", uma mensagem foi enviada ao editor, com os seguintes dizeres:

"Nos seus 80 anos nós, editores, livreiros, autores, gráficos, ilustradores, diagramadores, leitores e amigos trazemos, no nosso abraço de parabéns, a manifestação de agradecimento pelo exemplo de dedicação, perseverança e crença com que vem marcando toda a sua vida a serviço do livro".

Seguem-se as assinaturas de Regina Bilac Pinto Zingoni, Nilson Lopes, Fernando Gasparian, Jorge Zahar, Pedro Lorch, Eno Silveira, Sérgio Lacerda, Mario Fittipaldi, Carlos Drummond de Andrade, Reynaldo Bluhm, Simão Weissman, Sérgio Weissman, Paulo Roberto Rocco, Frei Ludovico Gomes de Castro, Eduardo Portella, Diaulas Riedel, Jayme Salomão, Anivaldo Santiago, Walter Geyarhahn, Vanna Piraccini, Abraão Koogan, Pedro Gomes, Jorge Yunes, Paulinho Saraiva, Álvaro Malheiros, Luis Simões Lopes, André Cleofas Uchôa Cavalcanti, Alfredo Weizflog, Sebastião Lacerda, Pedro Paulo de Sena Madureira, Antonio Callado, Antonio Houaiss, Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira, Ana Judith de

Carvalho, Nélida Piñon, Fernando Gabeira, Manuel Puig, Darcy Ribeiro, Aspásia Camargo, Alberto Dines, Antonio Geraldo da Cunha, Lygia Fagundes Telles, Sinval Medina, Neide Archanjo, Autran Dourado, Josué Montello, Francisco de Assis Barbosa, Lya Luft, Adélia Prado, João Ubaldo Ribeiro, Augusto Newton Goldman, Paulo Christoph Júnior, Jairo Marques Netto, Propício Machado Alves, Wander Soares, Anderson Fernandes Dias, Luis Carlos Lisboa, Franklin de Oliveira, Luis Felipe Baeta Neves, José Aparecido de Oliveira, Ivan Gomes Pinheiro Machado, Paulo de Almeida Lima, Gilberto Huber, Ferdinando Bastos de Souza, Caio Graco Prado, Leopoldo Bernardo Boeck, Alfredo Machado, Sérgio Machado, José Otávio Bertaso, Adonias Filho, Heloneida Studart, Rachel Jardim, Fernando Pedreira, Armando Freitas, Maria Helena Cardoso, Manuel Carlos, Mauro Gama, Afonso Arinos de Melo Franco, José Honório Rodrigues, José Guilherme Merquior, Abril S.A. Cultural e Industrial, Bloch Editores S.A., Maria Elvira, Maria Fernanda e Maria Mathilde — em memória de Cecília Meireles —, Jorge Amado, Zélia Gattai, Fernando Sabino, Rubem Braga, Maria Alice Barroso, João Condé, Carlos Castello Branco, Hélio Fernandes, José de Magalhães Pinto, Adolfo Aizen, Emil Farhat, João Antonio, Ledo Ivo, Dalton Trevisan".



Lamartine Babo:

humor, música e carnaval



Em janeiro, mês que antecede o carnaval, nasceu um dos maiores compositores brasileiros de músicas carnavalescas: Lamartine Babo.

Nascido a 10 de janeiro de 1904, Lamartine de Azeredo Babo cresceu em contato com a música; sua mãe e irmãs tocavam piano e sua casa era freqüentada por "chorões" amigos de seu pai. Aos 13 anos, ganhou um concurso literário na escola e compôs sua primeira valsa "Torturas de Amor".

Após o ginásio, Lamartine ingressou no Colégio Pedro II, onde se diplomou bacharel em Letras. Em 1920, queria cursar a Escola Politécnica, mas, por problemas financeiros, foi obrigado a trabalhar como *office-boy* e, depois, em uma companhia de seguros.

Artista polivalente, fez quase tudo: foi poeta, compositor, letrista; fez teatro de revista e trabalhou em rádio e cinema. O bom humor e a facilidade de fazer piadas e trocadilhos levaram-no a colaborar nas revistas *Dom Quixote*, especializada em humor e sátiras, *Paratodos* e *Shimmy*. Compositor de extrema criatividade, fez mais de 250 músicas entre marchinhas, marchas-rancho, valsas, tangos, fox, sambas, *charleston*, maxixes, modinhas e hinos. Seus principais sucessos foram: Eu sonhei que tu estavas tão linda, No rancho fundo, Teu cabelo não nega, Linda morena, Aí, heim?, A-E-I-O-U, Alô, alô Carnaval, Uma andorinha não faz verão, Canção para inglês ver, Cantores de rádio, História do Brasil, Joujoux et Balangandans, Marchinha do grande gallo, Rasguei a minha fantasia, Ride palhaço e tantos outros.



Como radialista, foi exclusivo da Rádio Mayrink Veiga de 1923 a 1937, onde produziu os programas *Canção do Dia*, em que apresentava uma música inédita por dia, e *Clube da Meia-Noite*. Transferiu-se para a Rádio Nacional e, em 1942, criou o programa *Trem da Alegria*, grande sucesso do rádio. Como representante autêntico da alma brasileira, Lamartine Babo era apreciador de futebol, escrevendo hinos para todos os clubes de futebol cariocas. Em cinema, participou do filme *Alô, alô Carnaval*. Incansável, produziu programas para a televisão e publicou livros humorísticos. Em 1963, Carlos Machado produziu o *show* *Teu cabelo não nega*, baseado na vida de Lamartine. Lá, como era conhecido, não chegou a assistir ao *show*, falecendo, nesse mesmo ano, de enfarte.

Mas Lamartine não foi e não será esquecido. Para homenagear o campeão dos Carnavais brasileiros, a escola de samba Imperatriz Leopoldinense desfilou, em 1981, com o samba-enredo "Teu cabelo não nega — só dá Lalá", de autoria de Zé Catimba, Gibi e Serjão, consagrando-se campeã junto com duas outras escolas.

Fonte: *Enciclopédia da Música Brasileira — Erudita, Folclórica e Popular* — Volume I.

continuação da pág. 2

Encontro de Prefeitos: novas perspectivas

1983, mantendo coerência com a política emanada do MEC, segundo a qual se privilegia a Educação Básica e o Desenvolvimento Cultural.

Ao adotar como linha metodológica a Ação Comunitária tem-se como princípio fundamental a participação da comunidade desde o levantamento e caracterização de suas reivindicações até seu engajamento nas ações desencadeadas a partir daí.

Essas diretrizes foram estabelecidas num momento historicamente muito importante, quando o País vive e busca a maior participação em todos os níveis, tentando encontrar e consolidar seu próprio modelo democrático.

1983 deverá caracterizar-se como um ano em que serão buscadas soluções alternativas para o desenvolvimento de ações em todos os níveis — nacional, estadual e municipal, com ênfase para este último. Deverão, ainda, intensificar-se: a capacitação, a descentralização e a aproximação entre os níveis da Organização e a negociação entre Instituições da Área Educacional.

As necessidades do País e a decisão do governo de privilegiar os aspectos sociais do desenvolvimento embasaram o estabelecimento das diretrizes de atuação e, conseqüentemente, a elaboração dessa nova proposta de organização da Instituição.

Nunca é demais lembrar que o fundamento da metodologia de Ação Comunitária é o respeito aos anseios e necessidades das comunidades. Os problemas são inúmeros e muito variados. Sua solução, porém compete às próprias comunidades, não podendo ser assumida pelo Mobral, cuja missão institucional é a Educação e o Desenvolvimento Cultural. É no cumprimento dessa missão que devem concentrar-se seus recursos humanos, materiais e financeiros.

As ofertas de Educação e Desenvolvimento Cultural do Mobral existem para atender às necessidades e interesses das populações de baixa renda. Coerente com sua opção pela Ação Comunitária, o Mobral assume o planejamento participativo e a execução descentralizada. Essa filosofia participativa do planejamento deve ser cada vez mais aprofundada, levando-se em conta no processo de negociação —

demandas, ofertas e limitações — as experiências anteriormente vivenciadas pelas coordenações e comunidades.

A nível municipal deverão ser adotadas as seguintes linhas de ação:

— Reforço da representação do Mobral no município (Comissão Municipal - Comun), por meio da criação de soluções alternativas para sua constituição.

— Conhecimento da realidade local através de diagnóstico sócio-econômico-cultural que possibilite maior flexibilidade nas ações a serem desenvolvidas.

— Elaboração do Plano de Ação Municipal, que deve expressar o resultado concreto das solicitações e dos compromissos com entidades e representações da comunidade, sempre numa linha de negociação.

— Negociação prévia com instituições federais, estaduais e municipais, considerando sempre a realidade municipal.

— Aproximação efetiva do Mobral Central e Estadual com o município.

— Investimento de recursos financeiros e capacitação de recursos humanos no município.

Se, por um lado, as ofertas do Mobral possuem características específicas que permitem sua concentração em três grandes Programas — Educação Pré-Escolar, Educação Supletiva e Desenvolvimento Cultural — por outro, há pontos que os unem, na medida em que: adotam a metodologia de Ação Comunitária, dirigem-se necessariamente à população de baixa renda e integram-se uns aos outros procurando atender concreta e continuamente à clientela que deles vai se beneficiando.

Essa globalização e integração de ações deve ser, não apenas um conceito, uma intenção, mas uma prática que se inicia pelo planejamento e se realiza na execução. E deverá ser a constante preocupação a nível de ação no município e também nas Coordenações e Mobral Central.

As ofertas do Mobral a cada comunidade deverão sempre ser planejadas de acordo com as necessidades locais.

Final, a grande beneficiária de qualquer ação desenvolvida é a própria comunidade que, confiante, espera receber todo o apoio por parte do prefeito que escolheu.

O QUE VAI PELAS COORDENAÇÕES



Rio Grande do Sul

Colaboração importante

Os 408 Clubes de Mães do Rio Grande do Sul prestaram uma homenagem à Sra. Mirian Gonçalves de Souza, esposa do governador do estado, pelo apoio que vem oferecendo aos Clubes de Mães, que atualmente reúnem cerca de 20 mil mulheres no Rio Grande do Sul. Ao agradecer a homenagem, dona Mirian lembrou o lançamento, junto aos Clubes de Mães, do projeto "Criança Presente na Vida Comunitária", que assiste hoje a 30 mil crianças, "um resultado surpreendente para o qual se contou também com a colaboração importante do Mobral e da Merenda Escolar". Dona Mirian ressaltou ainda a capacidade de dedicação em favor da comunidade: "Muito se tem falado na participação da mulher na sociedade, na força de trabalho, na política, nas decisões, na família, e dificilmente se encontra uma expressão mais eloquente deste crescimento e desta participação do que num elemento dos Clubes de Mães. A conquista do espaço da mulher não pode ter o preço da abdicação de sua condição de mãe.

A cidadã não exclui a mãe, pelo contrário, é enriquecida pela maternidade". A Sra. Mirian Gonçalves de Souza finalizou afirmando que "todo o tempo de trabalho conjunto ofereceu a oportunidade de estreitar laços de amizade e, com esta amizade, construir uma obra perene, pois ajudar uma criança a crescer é realizar uma obra perene de vida e amor".

Os gaúchos do concurso

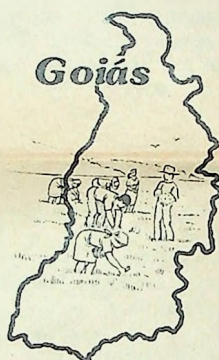
Dario Peixoto Quevedo, de Canguçu, e Ayrton Pereira, de Bento Gonçalves, foram os dois gaúchos que se classificaram no concurso de poesias "O homem de minha terra", promovido pelo Mobral, a nível nacional. Dario tem 32 anos, é agricultor e freqüenta uma classe na zona rural, no distrito de Alto Alegre, participando constantemente das atividades do Posto do Mobral de Canguçu, de onde retira livros para leitura. Além das lides do campo, Dario também estuda, escreve poemas e dedica-se ao violão. O outro premiado, Ayrton Pereira, um jovem de 17 anos, freqüenta a classe de Educação Integrada instalada no Presídio Municipal de Bento Gonçalves, onde exerce as funções de auxiliar de cozinha e cultiva o hábito de escrever, já tendo outros trabalhos elaborados.



Pará

Homenagem ao homem do algodão

Doze produtores de algodão, radicados em Igarapé-Açu, foram homenageados pelo Mobral e pela Prefeitura do município, numa solenidade realizada na sede do Ipiranga Esporte Clube, que contou com o apoio da Emater e da Coopervibra e o patrocínio de entidades diversas, como Banco do Brasil, Bradesco, Sanri e Algodoeira São Miguel. A homenagem ao "homem do algodão" teve ao mesmo tempo um caráter festivo e didático; além de prestigiar os produtores de algodão, objetivou também sensibilizar a população local para a importância da cultura algodoeira no fortalecimento da economia do município. Ao final da solenidade, houve entrega de medalhas aos produtores e colhedores de algodão.



Goiás

Homenagem aos idosos

Uma reunião festiva, com a participação de 120 idosos, foi o ponto alto das homenagens que o Município de Bela Vista de Goiás prestou ao Ano Internacional do Idoso. A promoção foi uma iniciativa da Comissão Municipal do Mobral, com a colaboração da Prefeitura local, do Instituto Nacional de Assistência ao Educando, de igrejas, de grupos de jovens e da comunidade em geral. A programação desenvolveu-se no auditório do Centro Comunitário e teve início com a celebração de uma missa em ação de graças, seguindo-se apresentações de sanfoneiros e tocadores de cavaquinho e violão. Após o almoço, os velhinhos participaram de um animado forró.

Cursos profissionalizantes

A Comissão Municipal do Mobral de Anápolis iniciou uma série de cursos profissionalizantes nos diversos bairros periféricos da cidade e no distrito de Souzaânia. O objetivo é oferecer às populações dessas localidades meios que possibilitem um acréscimo na renda familiar. Entre os diversos cursos, incluem-se os de garçom, manicura, pedicuro, pintura em tecidos, maquiagem, cabeleireira, crochê e datilografia. Os cursos profissionalizantes — segundo informou a presidente da Comissão Municipal, Francisca Silveira de Oliveira — estão funcionando sem prejuízo das atividades de alfabetização.



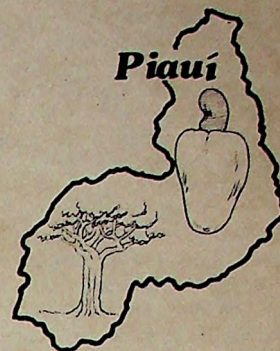
Minas Gerais

Encontro em Contagem

Foi realizado em Contagem o II Encontro Estadual do Subsistema de Supervisão Global, promovido pela Coordenação Estadual do Mobral de Minas/Norte e que reuniu, no Brasilton Hotel Contagem, cerca de 150 supervisores e técnicos do Mobral. O encontro teve por objetivo uma avaliação das atividades desenvolvidas em 1982 e o planejamento para 1983. Participaram do encontro representantes de 300 municípios mineiros, através de onze pólos da área estadual, entre os quais Montes Claros, Governador Valadares, Teófilo Otoni, Almenara, Uberaba, Diamantina, Sete Lagoas, Formiga, Belo Horizonte e Guanhães.

A avaliação apontou Contagem como o município com maior número de classes de pré-escolar do estado. Com 70 turmas de pré-escolar, o Mobral de Contagem desenvolveu

ainda todos os programas estabelecidos dentro do município, incluindo cursos profissionalizantes, de alfabetização bem como atividades culturais e recreativas.



Piauí

Postos de saúde

A Coordenação Estadual do Mobral e a Secretaria de Saúde estão desenvolvendo uma ação conjunta em todos os postos de saúde do Município de Amarante, com a finalidade de dinamizá-los, tendo em vista uma participação mais efetiva da comunidade na sua utilização. Este trabalho se inclui nas propostas do Projeto Vale do Parnaíba e é financiado pelo Polonordeste. Inicialmente, a atuação se concentra no treinamento dos atendentes dos postos de saúde, em torno de temas ligados à educação sanitária, higiene e alimentação.



Papa saúda Amadou Mahtar M'Bow pelo Dia Internacional da Alfabetização

V. Ex.^a convida, a 8 de setembro, os povos para comemorar o Dia Internacional da Alfabetização, que, em seu décimo sexto ano de existência, mostra a perseverança com que a Unesco trabalha para promover, nesse terreno primordial, a ascensão da pessoa humana a partir de suas necessidades mais elementares. Todos os homens e suas instituições devem, com efeito, conscientizar-se e trazer sua contribuição, nesse terreno, na medida de seus meios.

A nova ordem internacional que os homens de boa vontade se propõem a instaurar não significa que os mais desfavorecidos assumam seu lugar, de modo pleno e integral, na sociedade moderna, deixando de ser tratados como marginais?

Ora, os analfabetos são fortemente desfavorecidos em seu progresso cultural, suas relações cotidianas, sua inserção em seus diversos meios de vida e suas possibilidades de trabalho. É um obstáculo maior para o conjunto da sociedade nos países em desenvolvimento, quando o analfabetismo representa uma camada de grande percentagem da população. E é também um inconveniente considerável para os próprios analfabetos e os que os rodeiam, nos países de maior prosperidade: eles são, assim, marginalizados na evolução geral do país. Resta, assim a pergunta que continua dirigida à consciência dos homens de hoje: como "desmarginalizar" os analfabetos?

De certo, para reduzir a torrente do analfabetismo, no curso destes últimos quinze anos, esforços notáveis foram realizados, acionando numerosos para técnicos e materiais numerosos para

tornar mais eficaz a alfabetização. E V. Ex.^a convida-nos, justamente, Sr. Diretor Geral, a continuar esses esforços. Mas não será necessário insistir igualmente acerca dos dispositivos da lei e sobre as mentalidades para que seja levada em conta, por todos os responsáveis, nos diferentes setores, a existência dos analfabetos como pessoas inteiramente à parte?

E aí ainda existe lugar para as múltiplas iniciativas de conscientização, de ajuda mútua, de dispositivos legais - da parte dos governos, das instituições públicas e privadas, dos indivíduos -, a serviço de jovens, mas também de adultos que não tiveram a oportunidade de aprender, ou que devem familiarizar-se com outros meios de comunicação porque deixaram sua terra, seu grupo social, sua especialização. Sim, é preciso dar essa oportunidade aos adultos, da forma como certas sociedades oferecem hoje a possibilidade de formação de aperfeiçoamento profissional. A alfabetização situa-se, assim, mais e mais, no processo de adaptação ao mundo técnico moderno, no qual, para sobreviver e ser respeitado em seus direitos, é necessário saber ler e escrever. Os analfabetos são as vítimas de um demasiado grande desnível entre suas próprias tradições e as regulamentações novas às quais eles devem adaptar-se. Contudo, mais profundamente que esse aspecto utilitário e prático, a alfabetização é o primeiro apelo da educação e da cultura. Hoje, ela faz parte, como etapa inicial, de todo o processo do despertar da personalidade humana em suas relações com os outros. E ela permite, igualmente, desenvolver as disposições do espírito e da alma, e da reflexão que todo homem é convocado a realizar sobre o sentido de sua vida e sobre seu destino transcendental.

É preciso, então, desejar que ela seja considerada, não mais, somente, como um tipo de assistência para marginalizados, mas como um dever natural de justiça. E como não seriam eles sensíveis ao primeiro chefe, aqueles cuja religião torna um dever o ser solidário com todo irmão desfavorecido? Que Deus abençoe todos aqueles que trabalham para essa divisão dos bens do espírito! É assim, Sr. Diretor Geral, que formulo votos para sucesso total deste décimo sexto Dia Internacional da Alfabetização, a serviço do verdadeiro progresso do homem pelo homem e de seu desejo de paz na fraternidade.

Do Vaticano, 25 de agosto de 1982

a) Joannes Paulos M II

MENSAGEM DA MINISTRA DA EDUCAÇÃO ESTHER DE FIGUEIREDO FERRAZ AOS NOVOS PREFEITOS

A Secretaria de Planejamento da Presidência da República, através de sua Secretaria de Articulação com os Estados e Municípios, me proporciona esta oportunidade para que eu possa entrar em contato, de uma só vez, embora à distância, com os 4 mil prefeitos que acabam de ser eleitos em todo o território nacional.

Nesta ocasião, fazendo uso da palavra para os novos prefeitos dos municípios do Estado de Alagoas, através desta promoção do I Encontro, patrocinado pela Secretaria Estadual de Planejamento e de sua Fidam, quero, inicialmente, cumprimentar os srs. e felicitá-los por suas expressivas vitórias nas últimas campanhas eleitorais do estado. E desejar-lhes absoluto sucesso nos trabalhos que doravante lhes estão afetos à frente da administração dos municípios alagoanos.

Acredito que os srs. prefeitos têm interesse e mesmo curiosidade maior em conhecer, com clareza, dois assuntos: Primeiro, *que encargos e compromissos cabem aos municípios em matéria de educação.*

Acredito que os srs. tenham recorrido sobre esta matéria em suas campanhas municipais. Sobre o assunto haverá uma breve exposição feita por representante técnico da Secretaria de Ensino de 1º e 2º Graus do MEC, presente ao evento.

E segundo: *até que ponto os municípios podem contar com outras esferas da administração pública (com a União; com as Unidades Federadas) para levar a termo tais encargos e compromissos, que todos sabem serem muito importantes, mas sabem também serem muito complexos e, sobretudo, muito onerosos.*

Quero dizer, em primeiro lugar, que o Ministério da Educação e Cultura, de alguns anos para cá, vem desenvolvendo uma política nitidamente descentralizadora, deixando-se inspirar, neste particular, pelas nossas leis constitucionais e pelas leis ordinárias, sobretudo pela Lei nº 5692 e, mais recentemente, a Lei nº 7044, que adotam a este respeito uma posição muito descentralista levando à chamada municipalização do ensino.

Em outras palavras e, para ser mais clara, o MEC, tendo ao seu lado o consenso quase que unânime dos educadores brasileiros, entende que devam ser *progressivamente* transferidos aos municípios certos encargos e serviços de educação, *sobretudo aqueles ligados ao ensino de 1º grau* que possam ser realizados de maneira mais adaptada pelas administrações locais.

Mas o MEC não fica só aí. Entende-se que, para esse efeito, o Ministério da Educação e Cultura e as Secretarias de Educação e Cultura devam prestar aos municípios o necessário amparo, a necessária cooperação técnica e assistência financeira, repassando-lhes, portanto, os recursos indispensáveis ao cumprimento destas tarefas.

...Em última análise, temos procurado, aqui, no MEC, desenvolver uma política de fortalecimento do município porque, dentro da nossa lei constitucional, o município representa uma peça *muito importante*. Eu diria mesmo que o município é a *viga-mestra* do sistema federativo brasileiro. Quero, neste particular, lembrar que quando dizemos que certos encargos e serviços educacionais devem ser transferidos aos municípios, isso não deve ser feito atabalhoadamente, mas ao contrário, de maneira progressiva e sobretudo muito prudente. Porque há, às vezes, um propósito deliberado ou, outras vezes, um propósito inconsciente de o Estado se liberar de seus encargos ligados à educação fundamental transferindo-os ou atirando-os às costas do município.

Isto não está certo. E eu tomo a liberdade de citar, a este respeito, um pronunciamento meu feito já há algum tempo, pronunciamento este que foi depois publicado pelo Senado Federal.

Eu digo o seguinte: que a educação é *tão importante* e, por outro lado, a sua ministração envolve *problemas de tamanha complexidade* que, muitas vezes o Estado cometeria *verdadeiro crime* se transferisse a todos os municípios, indiscriminadamente, os ônus desta tarefa. Pois há municípios entre nós tão poderosos ou mesmo mais poderosos que certas Unidades da Federação e em perfeita condição de chamar a si todos os encargos do ensino de 1º grau e quicá de outros graus de ensino. Por outro lado, há municípios que se apresentam de tal maneira esvaziados do ponto de vista orçamentário que sequer poderiam, sem ajuda, arcar com o ônus de seus compromissos e obrigações constitucionais com a educação básica.

Assim, e exemplificando, casos haverá em que a municipalização do ensino se fará de maneira quase que absoluta e integral. É o caso do Estado do Rio de Janeiro, que chamou a si todo o ensino de 1º grau e, portanto, hoje, esta cidade vê repassada para seus cofres grande parte do

salário-educação. Mas pode acontecer também que a municipalização venha a ser significativa, mesmo que parcial, como acontece com certos estados como o Paraná, São Paulo, Minas Gerais, cujas capitais possuem extensas e densas redes de ensino de 1º grau, não se permitindo, ao município, ingressar em outros graus de ensino.

Finalmente, é preciso saber que o processo chamado *"municipalizatório" do ensino* deve ser progressivo e gradual, como *recomenda a lei, e a participação dos municípios* neste processo pode ser parcial, com muitos bons efeitos, passando a assumir determinados encargos como:

- aquisição de terrenos para construção de novas escolas;
- reformas, ampliações, conservação de edifícios escolares (prédios escolares);
- qualificação de professores (e aí enfatizo este particular);
- transporte e alimentação escolar;
- e assim por diante.

Há uma infinidade de hipóteses de participação e contribuição ativa dos municípios ao sabor das circunstâncias locais, desde que lhes sejam também encaminhados recursos significativos, tanto da União quanto do estado.

Convicta de que os srs. prefeitos se convencerão da procedência desta tese, faço um veemente apelo nesta hora: *que concentrem suas atenções sobretudo no ensino fundamental*, particularmente o ensino de 1º grau, para atender ao preceito constitucional de oferecer escolas a toda a população de 7 a 14 anos, o que constitui nossa obrigatoriedade escolar. Mas também que dediquem suas atenções à educação pré-escolar; quanto mais cedo atendermos à população de 0 a 6 anos de idade, mais estaremos favorecendo o acesso ao ensino de 1º grau, com o oferecimento de *recreação, saúde, cultura, educação física, intelectual e outros aspectos de favorecimento do pré-escolar.*

Fiquem certos os srs. prefeitos de que, assim procedendo, todos contarão com o apoio integral do MEC. Fiquem certos de que seus municípios terão o grau de desenvolvimento que tiver o desenvolvimento da educação. Convidando a todos para ouvirem a palestra subsequente e debaterem com técnicos do MEC presentes neste momento, desejo novamente cumprimentá-los. Sejam felizes e muito obrigada!

Foi em Maceió o I Seminário para Novos Prefeitos. Na elegante sede da Casa da Indústria, o governador Theobaldo Barbosa da Fonseca abriu o encontro falando para um auditório lotado "dos grandes benefícios que o espírito público dos novos prefeitos trará para o povo de Alagoas". Promovido pela Seplan — Secretaria de Planejamento do Estado de Alagoas e pela Fidam — Fundação Instituto de Desenvolvimento Urbano e Assistência Municipal, durante cinco dias, prefeitos, vice-prefeitos e secretários de 96 municípios alagoanos discutiram temas como arrecadação do ICM, fiscalização financeira e orçamentária, formas de associações municipais e relações governamentais.

No Balneário do Produban — Banco do Estado de Alagoas, na Praia de Garça Torta, ocorreu a maior parte dos trabalhos.

Foi montado ali um *stand* mostrando os programas do Mobral, enquanto o gerador de energia de uma Minimobralteca socorria por diversas vezes o sistema de alto-falantes do local com problemas de ordem técnica. Também um vídeo-teipe sobre a atuação do órgão foi transmitido para os prefeitos, na ocasião.

Em Maceió pôde ser constatado um painel de contrastes por conta de fatores como as diferentes dimensões dos municípios, além da reunião de prefeitos reeleitos com prefeitos de municípios recém-emancipados.

Enquanto o prefeito de Arapiraca, Severino Barboza Leão, antigo presidente de Comissão Municipal do Mobral, deverá encargar o estrangulamento que a taxa anual de 10% de crescimento de um município com 165 mil habitantes acarreta para o setor de ensino, por exemplo, Josué Camilo Barbosa será o primeiro prefeito da história de Craibás, onde "falta ainda tudo", segundo o próprio Josué. Mas seu empenho maior será com a educação e a saúde.

É interessante também observar que Craíbas pertenceu até hoje ao Município de Arapiraca, importante produtor de fumo com exportações para Espanha, França, Alemanha e Estados Unidos.

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

Organizado com o objetivo de reunir todos os prefeitos eleitos em 15 de novembro, dando oportunidade de se conhecerem e tomarem ciência do que os diversos órgãos públicos têm a lhes proporcionar, o Seminário para Novos Prefeitos tem ido além de sua proposta básica. Em Maceió, por exemplo, foi lançada a semente para a criação de associações regionais de prefeitos. Ainda lá, os compromissos legais, técnicos, administrativos e políticos dos municípios brasileiros no que diz respeito à educação básica foram assuntos dos mais debatidos.

Outro fato curioso é que, em 1970, o Município de Arapiraca conseguiu através do Mobral atingir o maior índice de alfabetização do País.

Problemas na área de educação e saúde vinham à tona com certa frequência durante os debates. Mais escolas e melhores salários para as professoras são expectativas do prefeito Rosiber Oliveira de Melo para o Município de União dos Palmares. Atender à área de educação na zona rural e criar Postos do Mobral são metas de Frederico Maia Filho, prefeito de Quebrangulo. Manoel Sertório Queiroz Ferro já foi líder comunitário do Mobral. Hoje ele é o prefeito de São Sebastião. Sua experiência como líder comunitário serviu para que conheça como ninguém os problemas de seu município.

to. Em contrapartida, como afirmou, à visão pessimista dos momentos de crise, mostrou sua visão das potencialidades turísticas de alguns municípios alagoanos e do que representará em 85 a geração de recursos a ser criada pelo pólo químico ora implantado, pela produção industrial do açúcar e pela transformação do gás na região.

Muitas e repetidas vezes falou-se durante o seminário na descentralização e conseqüente municipalização do ensino. O prof. Lauro Farias, representante do MEC, citou o sucesso de experiências neste sentido vividas nos municípios do Rio de Janeiro/RJ, Cascavel/PR e Passo Fundo/RS.

O mesmo tema seria abordado na mensagem da ministra da Educação e Cultura Esther de Figueiredo Ferraz (veja neste número) e na palestra do delegado regional do MEC, Manoel Augusto de Azevedo, que falou da necessidade de se transferirem para os municípios alguns encargos, principalmente no que se refere ao ensino de 1º grau. Também para o pré-escolar e o supletivo, o delegado do MEC pede especial atenção e ressalta a importância de não se criar na zona rural um ensino elitizado ou urbanístico.

A coordenadora do Mobral em Alagoas, Maria José Casado Marinho, falou do peso que ainda é preciso dar em sua região para a alfabetização funcional, sem prejuízo dos outros programas.

Foi ainda no Seminário para Novos Prefeitos em Maceió, através de

*José Amaro
Magalhães, da
Sarem: a
autonomia
municipal
também na
aplicação de
recursos.*



*Problemas na
área de
educação e
saúde: uma
constante nos
debates com os
prefeitos.*

José Amaro Magalhães, representante da Sarem, falou da "importância de se trabalhar em consonância com a realidade deste momento, onde a criatividade torna-se mais importante que a alocação de recursos". Disse ainda que "a autonomia municipal não se esgota na disposição de recursos mas também na liberdade de aplicação destes recursos", em alusão ao Decreto-lei nº 1.805 de 1980, que retirou alguns municípios da asfixia financeira em que se encontravam.

Neste I Seminário para Novos Prefeitos houve reivindicações, desabafos e muita troca de idéias. Os prefeitos querem mais rigor no ajuste de contas das gestões anteriores e maior participação na arrecadação do ICM, evitando o constante endividamento a que estão sujeitos.

O secretário de Planejamento Eulálio Soriano reconheceu a preocupação que representa a questão do endividamento e distribuiu no final de sua palestra um documento com algumas orientações sobre operações de crédito.

Nadege Silva, representante do Instituto Nacional de Alimentação, que se ficou sabendo da criação de novos setores de atendimento para a alimentação escolar que descentraliza também a distribuição da merenda. Outra boa nova anunciada por Nadege é a criação de mais três casas de estudantes que serão entregues ao estado até o ano que vem.

Tiveram ainda importante atuação no Seminário, o presidente da Fundação Instituto de Desenvolvimento Urbano e Assistência Municipal — Fidam, entidade promotora do evento, e o dr. Pedro Paulo de Ulysses da Secretaria de Articulação com Estados e Municípios.

O presidente da ABM — Associação Brasileira dos Municípios, Heráclito Rollemberg, que é também prefeito eleito de Aracaju, incentivou a todos os líderes municipais a cumprirem seu papel de mobilizadores, conscientizadores e captadores de anseios como “elementos tranquilizadores das tensões sociais”.

Prefeitos

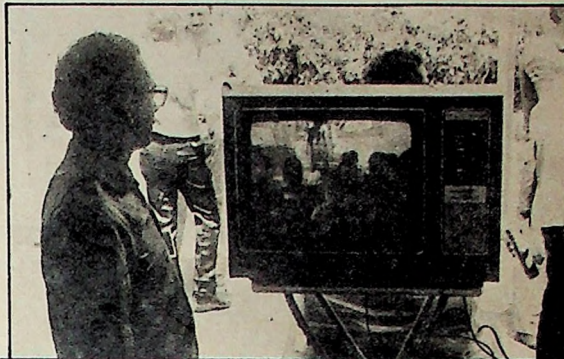
São estes os prefeitos eleitos em 15 de novembro no Estado de Alagoas: Antônio Batista de Oliveira do PDS de Água Branca, Manoel Breno de Oliveira Barros do PDS de Anadia, Severino Barboza Leão do PDS de Arapiraca, José Lopes de Albuquerque do PMDB de Atalaia, Edson Leocádio dos Santos do PMDB de Barra de Santo Antônio, Maria Angélica Cavalcanti de Mello Lima do PDS de Barra de São Miguel, Aloísio Rodrigues de Melo do PDS de Batalha, Sebastião Monteiro da Costa do PDS de Belém, Jaime Gomes de Lima do PDS de Belo Monte, Antônio Patrício da Costa do PDS de Boca da Mata, Araken Damara de Omena Freitas do PDS de Branquinha, José Gonzaga Benjoi do PDS de Cacimbinhas, Mario Ferro do PDS de Cajueiro, Edmilson Vieira e Silva do PDS de Campo Alegre, Cyro da Vera Cruz do PDS de Campo Grande, José Mariano Sobrinho do PDS de Canapi, João de Paula Gomes Neto do PMDB de Capela, Cícero Maciel Barbosa do

que do PDS de Limoeiro de Anadia, José Bandeira de Medeiros do PDS de Maceió, Adovaldo Albuquerque Alves do PDS de Major Isidoro, João Cavalcante de Lira do PDS de Maragogi, Florisval Marques Brandão do PDS de Maravilha, Danilo Dâmaso do PDS de Marechal Deodoro, Eurico Juvi de Almeida do PDS de Marimbondo, Luis Clarindo de França do PDS de Mar Vermelho, José Jorge Malta Amaral do PDS de Mata Grande, Rubem Caetano da Silva do PDS de Matriz de Camaragibe, Antônio Rodrigues Calheiros do PMDB de Messias, Cícero Paes Ferro do PDS de Minador do Negrão, Antonio Barbosa Melo do PDS de Monteirópolis, Olavo Calheiros do PMDB de Murici, Manoel Carlos da Silva do PMDB de Novo Lino, Ednaldo Miguel da Silva do PDS de Olho d'Água das Flores, Élio Marques de Alencar do PDS de Olho d'Água do Casado, João Claudino da Silva do PDS de Olho d'Água Grande, Cícero Vieira de Menezes do PDS de Olivença, Genésio Jerônimo de Carvalho do PDS de Ouro Branco, José Nogueira de Melo do PDS de Palestina, José

Helenildo Ribeiro Monteiro do PDS de Palmeira dos Índios, Elísio da Silva Maia do PDS de Pão de Açúcar, Cyri-dão Durval Peixoto do PDS de Passo de Camaragibe, José Gama da Silva do PDS de Paulo Jacinto, Tancredo Pereira do PDS de Penedo, Manoel Mes-

sias da Silva Nunes do PDS de Piaçabuçu, Mário Fragoso de Vasconcelos do PDS de Pilar, Maria Lêda Cardoso do PDS de Pindoba, Celso Rodrigues Rêgo do PDS de Piranhas, José Cícero Madeiro do PDS de Poço das Trincheiras, Antonio Carlos da Silva do PMDB

Os prefeitos assistiram também a um VT sobre a atuação do Mobral e seus programas.



Uma equipe de 11 rondonistas entrevistou os prefeitos sobre suas expectativas e metas.

de Porto Calvo, José de Moraes Neto do PDS de Porto de Pedras, Francisco de Assis Silva do PMDB de Porto Real do Colégio, Frederico Maia Filho do PDS de Quebrangulo, Antonio Lins de Souza do PMDB de Rio Largo, Luiz Alberto Nunes Palmeira do PDS de Roteiro, Artur Correia Lima Filho do PDS de Santa Luzia do Norte, Isnaldo Bulhões Barros do PDS de Santana do Ipanema, Manoel Francisco da Silva Junior do PDS de Santana do Mundaú, Edson Santos do PDS de São Brás, Múcio Antonio Tenório Veras do PDS de São José da Laje, Enio Ricardo Gomes do PDS de São José da Tapeira, José Ozório do Nascimento do PMDB de São Luís do Quitunde, Wellington Apratto Torres do PMDB de São Miguel dos Campos, Jucedi Alves Braga do PDS de São Miguel dos Milagres, Manoel Sertório Queiroz Ferro do PDS de São Sebastião, José Barros e Silva Filho do PMDB de Satuba, José Vieira de Souza do PDS de Senador Rui Palmeira, Willibrordo Roque da Silva do PDS de Tanque d'Arca, José Rodrigues da Costa do PDS de Taquarana, Edmar Lima Dias do PDS de Traipu, Rosiber Oliveira de Melo do PDS de União dos Palmares, Flavius Flaubert Pimentel Torres do PDS de Viçosa.

PDS de Carneiros, José Klinger do PDS de Chã Preta, Cícero Bastos da Silva do PDS de Coité do Nóia, José Luis Lessa do PDS de Colônia de Leopoldina, José de Almeida do PDS de Coqueiro Seco, Eneas da Costa Gama do PDS de Coruripe, Josué Camilo Barbosa do PDS de Craibas, José Serpa de Menezes do PDS de Delmiro Gouveia, Sebastião Correia Braz do PDS de Dois Riachos, Tadeu de Morcerf do PDS de Feira Grande, Geraldo Antônio Muniz Simões do PDS de Feliz Deserto, Arlene Cavalcante da Costa do PDS de Flexeiras, José Enoque de Barros do PDS de Girau do Ponciano, Amauri Lessa do PDS de Ibatiguara, Lourenço Ferreira da Silva do PDS de Igaci, Manoel André Dantas do PDS de Igreja Nova, José Gomes de Oliveira do PDS de Inhapi, José Ernesto Silva do PDS de Jacaré dos Homens, Leocádio Correia Cavalcante do PDS de Jacuípe, Maria das Dores Machado do PDS de Japaratinga, José Pinheiro dos Santos do PDS de Jaramataia, Osmário Gomes da Silva Rego do PMDB de Joaquim Gomes, Gervásio de Oliveira Lins do PDS de Jundiá, Geraldo Temóteo dos Santos do PDS de Junqueiro, Manoel Rocha dos Santos do PDS de Lagoa da Canoa, Nivaldo Ferreira de Albuquerque

Manoel Augusto de Azevedo, delegado regional do MEC, fala sobre a importância de não se criar na zona rural um ensino elitista ou urbanístico.



Mobral participa de Seminário e confraterniza com novos prefeitos durante dois dias em Curitiba



Os novos prefeitos e as autoridades da FAMEPAR.

O Mobral participou do Seminário de Novos Prefeitos organizado pela Famepar — Fundação de Assistência aos Municípios do Estado do Paraná, onde exibiu um stand com todas as suas atividades e fez circular aos 292 prefeitos presentes um questionário cuja finalidade, além do registro de cada um, era a de saber o que eles pensam em relação ao seu futuro e, também, em relação ao Mobral, já que o trabalho conjunto é uma revitalização do municipalismo preconizado pela entidade. Mostrou ainda os teipes "Sua comunidade escolheu você", "Alfabetização", "Desburocratização" e "Um encontro diferente", nos intervalos das atividades de plenário, além de distribuir aos prefeitos presentes um kit com informações diversas, camisetas, dados numéricos e um número especial do *Ação Comum* sobre o evento.

O Seminário foi oficialmente aberto pelo governador em exercício do Estado do Paraná, José Hosken de Novaes que em rápidas palavras disse que a "comunidade municipal deve estar acima de qualquer ato partidário". A seguir, o dr. Lubomic Ficinski, secretário de Desenvolvimento dos Municípios, discursou abordando temas econômicos acentuando que a crise política e financeira deve ser a preocupação maior de todos os presentes no plenário.

"A tarefa que os novos prefeitos estarão assumindo brevemente vai exigir coragem, determinação e eficiência em face das dificuldades por que passa o país" — considerou Ficinski.



Ensino Municipal — Solange Tereza Almeida Fauad; A Previdência Social e o Município — dr. Francisco Cesar Soares; Associação dos Municípios do Paraná — dr. Edison Coppla (presidente da AMP); O Mobral — dr. Renato Barbosa, representando o presidente Claudio Moreira; O Município e a Constituição do Brasil — dr. José Antunes de Carvalho; e finalmente O Município e o Alistamento Militar — ten. cel. Luis Fernando Nascimento Tourinho.

O discurso do Mobral

Depois de mencionar a atuação do Mobral como um todo, o técnico Renato Barbosa, representante do presidente referiu-se especificamente ao Paraná: "De acordo com trabalho realizado pela Coordenação do Mobral no Paraná, o objetivo geral para 1983 é o desenvolvimento de programas de um modo integrado, utilizando sempre a metodologia de ação comunitária. Dentre os objetivos específicos, a estratégia do Paraná prevê a compatibilização dos Programas do Mobral com os planos municipais; dar ênfase às metas qualitativas das atividades; definir prioridades para as diferentes regiões do estado; garantir um acompa-

nhamento sistemático aos projetos; realizar uma ação não só no município, mas também intermunicipal; organizar, enfim, grupos de educação voltados para a produção, para o associativismo e cooperativismo.

Além dos projetos centrais que citamos inicialmente, gostaria de lembrar aos senhores, o Projeto de Planejamento Familiar e Aleitamento Materno, vinculado às ações na área de saúde, e que pode constituir grande apoio ao trabalho municipal.

A Coordenação do Paraná quer também desenvolver projetos especiais para o atendimento de populações com características específicas, como é o caso dos "bóias-frias", dos operários de usinas e outras categorias de trabalho eventual.

Em termos numéricos bem gerais, o Paraná pretende utilizar cerca de 8 mil agentes nos diversos Programas, envolvendo aproximadamente 158 mil participantes, no ano de 1983. Para alcançar essa meta que foi resultado da consulta aos municípios, o Mobral tem a previsão de investir nos Programas do Estado, o montante de cerca de 1 bilhão de cruzeiros.

Esses recursos, como o dos demais estados e territórios brasileiros provêm, em sua maioria, da dedução de até 2% do total a pagar do Imposto de Renda devido pelas empresas.

Em resumo, este é o nosso trabalho. Queremos nos aliar a cada Prefeitura. Oferecemos nossos recursos materiais, humanos e financeiros que estarão à disposição da comunidade. Nossas principais metas são o diálogo, a participação e a vontade de colaborar na transformação de nossa sociedade.

Estamos certos de que poderemos realizar uma ação conjunta e permanente com as Prefeituras, tendo como ideal comum a melhoria das condições de vida do povo brasileiro. A nossa política é a de somar para o atendimento das necessidades básicas da população. Quem faz o Mobral é o povo, o município, a comunidade. E, por esta razão, estaremos junto com os senhores.

Muito obrigado.

Coordenação e Projeto Rondon

Não se pode deixar de registrar o trabalho prestado pela Coordenação Estadual do Paraná em apoio ao desenvolvido pela equipe do Mobral Central durante todo o Seminário. Também é de se notar o entusiasmo manifestado pelo pessoal do Projeto Rondon, que se esforçou, como de hábito, nas tarefas que lhes foram atribuídas.

"1983: mais produção, mais mercado para nossa exportação, mais empregos, melhores salários."